Cátedra José Bonifácio, 4

USP UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Marco Antonio Zago
Vice-reitor Vahan Agopyan

edusp EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretora Valeria De Marco

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Carlos Alberto Barbosa Dantas
Carlos Alberto Ferreira Martins
Maria Angela Faggin Pereira Leite
Mayana Zatz
Tânia Tomé Martins de Castro
Valeria De Marco

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Téc. Div. Editorial Cristiane Silvestrin

CENTRO IBERO-AMERICANO CENTRO IBERO-AMERICANO – CÁTEDRA JOSÉ BONIFÁCIO

Comitê Científico Maria Hermínia Tavares de Almeida (IRI)
Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari (IRI)
Rudinei Toneto Junior (Fearp)
Valeria De Marco (FFLCH)
Hernan Chaimovich (IQ)

Coordenador Pedro Bohomoletz de Abreu Dallari
Secretário executivo Gerson Damiani

FELIPE GONZÁLEZ (COORDENAÇÃO)

GOVERNANÇA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

Organização
Gerson Damiani
José Fernández-Albertos

edusp

Felipe González: presença ibérica na Cátedra José Bonifácio

Pedro Dallari[1]

Com Felipe González à frente da Cátedra José Bonifácio em 2016, ganhou realce a dimensão ibero-americana desse programa internacional de apoio à pesquisa na Universidade de São Paulo (USP). Sucedendo a três personalidades latino-americanas – o chileno Ricardo Lagos (2013), o uruguaio Enrique Iglesias (2014) e a brasileira Nélida Piñon (2015) –, o notável estadista espanhol constituiu-se no primeiro catedrático originário da península Ibérica.

No plano das ciências sociais, a qualificação *ibero-americano* admite dois significados. Pode se referir aos países das Américas (e respectivos povos e acervos) que se originaram das antigas colônias de Espanha e Portugal, correspondendo ao espaço geográfico usualmente identificado como América Latina. Entretanto, pode também agregar a essa primeira dimensão territorial o espaço da península Ibérica e seus países, conformando, assim, uma comunidade que abriga Espanha, Portugal, eventualmente Andorra, e os países da América Latina. Em que pesem os laços institucionais – de que é expressão a Secretaria-geral Ibero-americana (Segib), organização internacional sediada em Madri, cujas atribuições incluem a preparação das tradicionais cúpulas ibero-americanas de chefes de Estado e de governo – e as significativas relações econômicas – ressaltadas em anos recentes, especialmente em função do incremento do fluxo de capitais ibéri-

1. Diretor e professor titular de direito internacional do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP), é também coordenador do Centro Ibero-americano (Ciba) da USP, núcleo de apoio à pesquisa responsável pela gestão da Cátedra José Bonifácio.

cos para a América Latina –, o lastro principal desse ibero-americanismo abrangente se concentra nas afinidades culturais associadas, entre outros aspectos, à identidade linguística decorrente do uso dos idiomas espanhol e português.

O Centro Ibero-americano (Ciba) e a Cátedra José Bonifácio foram instituídos nesta década de 2010 na USP, justamente sob essa concepção mais ampla. Criada em 2013, por ato do então reitor João Grandino Rodas, a Cátedra José Bonifácio está abrigada desde sua criação no Ciba, núcleo de apoio à pesquisa surgido em 2011 por iniciativa do atual reitor, Marco Antonio Zago, à época pró-reitor de Pesquisa[2]. Ao Ciba, administrativamente integrado ao Instituto de Relações Internacionais (IRI), cabe a responsabilidade pela gestão operacional da cátedra, que conta, a cada ano, com o comando de uma figura pública de destaque no cenário ibero-americano. A esse catedrático, por sua vez, corresponde conduzir atividades acadêmicas relacionadas a assunto de sua livre escolha, tendo em vista o caráter multidisciplinar e pluritemático do programa. A Cátedra José Bonifácio é, portanto, um programa de apoio à pesquisa, com a finalidade pedagógica de propiciar a pesquisadores científicos a possibilidade de se beneficiarem, de forma mais intensa e prolongada, do convívio com lideranças políticas, sociais e culturais, permitindo que se agregue ao conhecimento teórico aquele extraído da experiência obtida na trajetória dessas personalidades.

Ao aceitar o convite para exercer a titularidade da cátedra, Felipe González elegeu como objeto de investigação o tema concernente aos desafios da governança na democracia representativa (*retos de gobernanza en la democracia representativa*). Afirmou-se, com essa escolha, à semelhança do que já havia ocorrido com os catedráticos anteriores, a perspectiva mais abrangente da noção de Ibero-América, inerente à existência e ao funcionamento da Cátedra José Bonifácio, em razão do elevado grau de aproximação verificado historicamente na cultura política e jurídica dos países ibéricos e latino-americanos, cujo exemplo expressivo mais recente foi a relevante influência dos processos de superação das ditaduras franquista e salazarista, na década de 1970, na redemocratização da América Latina, na década subsequente. Foi considerável, nesse plano, a contribuição do constitucionalismo espanhol e português nos debates da Constituinte brasileira, a qual gerou a atual Constituição, em 1988.

Outro aspecto a ser salientado com base no tema selecionado por Felipe González é a confirmação de uma constante na definição do objeto de investigação da cátedra. Na esteira dos catedráticos que o antecederam, o ex-primeiro-ministro espanhol decidiu, com sua opção, por fazer frente a um problema candente do mundo contemporâneo, com a perspectiva inclusive de pensar os desdobramentos futuros. Ao discutirem os impasses da economia política na América Latina atual, Ricardo Lagos e Enrique Iglesias agiram da mesma forma, assim como fez Nélida Piñon com a proposta de uma fórmula criativa para a consideração da identidade cultural ibero-americana. É admirável – e motivo de grande orgulho para a USP – que essas lideranças veteranas tenham se valido da Cátedra José Bonifácio para tratar do presente e do futuro, e não para promover a reflexão em torno de suas notáveis trajetórias, o que seria natural e, por si só, de grande importância para a comunidade acadêmica.

Assim, foi marcante, para todos que puderam testemunhar, o engajamento de Felipe González nas diversas oportunidades em que, ao longo de 2016, conversou com os pesquisadores da USP sobre os dilemas presentes na saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, nos rumos inéditos da eleição presidencial norte-americana e no impasse relativo à formação do governo de sua Espanha natal, e isso ao mesmo tempo que esses surpreendentes eventos ocorriam.

O início das atividades de Felipe González na USP se deu no mês de março. Ocorrida no dia 10 daquele mês, a cerimônia solene de sua posse como catedrático foi presidida pelo reitor Marco Antonio Zago e contou com a presença de dirigentes da universidade e de Nélida Piñon, que concluía seu período à frente da cátedra. Naquela oportunidade, González

2. Integrado no plano administrativo ao IRI-USP, o Ciba é dirigido por comitê científico formado por professores de diferentes unidades da USP que lhe deram origem: Hernan Chaimovich, do Instituto de Química (IQ); Maria Hermínia Tavares de Almeida, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e do IRI; Valeria De Marco, da FFLCH; Rudinei Toneto Júnior, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP); e Pedro Dallari, coordenador do IRI. A secretaria do Ciba está a cargo de Gerson Damiani, doutor pelo IRI.

apresentou as diretrizes do trabalho que pretendia desenvolver, tendo sido saudado por Maria Hermínia Tavares de Almeida, professora titular da USP, ex-diretora do IRI e membro do comitê científico do Ciba.

Nos moldes da metodologia adotada nos anos anteriores, o funcionamento da Cátedra José Bonifácio em 2016 teve por centro um grupo de pesquisa constituído por alunos de programas de pós-graduação da USP, que a ele puderam se candidatar. Estiveram em atividade 43 alunos, de dezoito programas distintos, e considerou-se, no processo de seleção, a afinidade dos projetos acadêmicos dos candidatos com o tema de estudo escolhido por Felipe González. Esses pesquisadores se reuniram pessoalmente com o catedrático nos períodos de sua permanência na USP. Em março, trataram do plano de atividades do grupo de pesquisa, em especial do processo de produção de textos destinados a esta coletânea, tendo Felipe González também discorrido sobre os principais elementos de seu entendimento sobre os desafios da governança na democracia representativa, justamente o tema por ele selecionado para guiar as reflexões no decorrer do ano. Em agosto, o catedrático abordou com os integrantes do grupo o problema da efetividade política do Poder Executivo no contexto democrático. O papel e a ação do Poder Judiciário na democracia constituíram o assunto enfocado em outubro. Além desses encontros presenciais com o catedrático, o grupo esteve permanentemente em contato com os dois assistentes que apoiaram González diretamente no trabalho da cátedra – Gerson Damiani, pós-doutorando do IRI, e José Fernández-Albertos, acadêmico espanhol –, aos quais coube especialmente a supervisão da produção dos textos elaborados pelos pesquisadores.

Paralelamente a essa atividade mais concentrada de pesquisa, González desenvolveu um intenso rol de atividades públicas na USP. Em auditórios repletos de jovens estudantes, proferiu conferências abertas na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), onde discorreu acerca do tema da cátedra em 2016, e na Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) – USP Leste –, ocasião em que tratou mais especificamente da problemática em torno da qualidade do governo. Na condição de catedrático da USP – incorporado, portanto, ao corpo docente da universidade –, foi, ainda, o principal orador nas cerimônias de abertura de dois importantes

eventos em São Paulo que reuniram reitores e representantes de renomadas instituições acadêmicas do mundo, com a finalidade de refletir sobre o futuro da universidade: a Conferência USP 2024 e a conferência do Observatório Magna Charta Universitatum.

Conforme o padrão estabelecido para a Cátedra José Bonifácio, os frutos do trabalho de Felipe González na USP se materializaram em uma obra literária, esta coletânea, intitulada *Governança e Democracia Representativa*, que coordenou com apoio de seus dois pesquisadores assistentes e do sempre primoroso trabalho editorial da Editora da Universidade de São Paulo, a Edusp. Introduzida por ele e reunindo a contribuição de autores convidados, a coletânea contém, ainda, artigos que resultaram dos já mencionados textos elaborados por integrantes do grupo de pesquisa da cátedra. Desse modo, tem continuidade a excelente antologia que se iniciou com a obra dirigida por Ricardo Lagos[3] e foi seguida por aquelas produzidas por Enrique Iglesias[4] e Nélida Piñon[5].

Com a publicação desta obra coordenada por Felipe González, criam-se condições para ampliar e perpetuar o alcance do trabalho por ele desenvolvido na condução da Cátedra José Bonifácio. Da mesma forma que ocorreu com as três obras anteriores, nos mesmos anos em que foram lançadas, esta quarta coletânea da cátedra se constituirá em material de referência no programa de 2017 da disciplina Temas Contemporâneos da Ibero-América, prevista para ser ministrada no IRI no segundo semestre e na qual estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes cursos da USP poderão aprofundar o estudo das matérias versadas nos artigos publicados. Importa, ainda, registrar que, para a viabilização da publicação da coletânea, bem como do conjunto das atividades da cátedra em 2016, o Ciba continuou a contar com o engajamento de órgãos e unidades da USP, sob a direção do reitor Marco Antonio Zago, com o apoio da Edusp

3. Ricardo Lagos (coord.), *A América Latina no Mundo: Desenvolvimento Regional e Governança Internacional*, orgs. Mireya Dávila e Fabíola Wüst Zibetti, São Paulo, Edusp, 2013.
4. Enrique Iglesias (coord.), *Os Desafios da América Latina no Século XXI*, orgs. Gerson Damiani, Adolfo Garcé e Fabíola Wüst Zibetti, São Paulo, Edusp, 2015.
5. Nélida Piñon (coord.), *As Matrizes do Fabulário Ibero-americano*, orgs. Gerson Damiani e Maria Inês Marreco, São Paulo, Edusp, 2016.

e a relevante participação do Banco Santander no suporte financeiro conferido ao programa, aos quais devem ser prestadas homenagens, dado o indiscutível êxito deste empreendimento acadêmico.

Felipe González Márquez é dono de uma trajetória admirável. Nascido em 1942 em Sevilha, advogado de formação, destacou-se pela condução da sociedade espanhola em um de seus momentos mais delicados, de superação da estrutura social e política do regime franquista para a edificação de uma sociedade democrática e moderna, plenamente integrada à Europa e com presença destacada no mundo. Que figure, agora, em seu currículo, a indicação da titularidade da Cátedra José Bonifácio é fato que honra sobremaneira a comunidade da USP, devedora dos melhores agradecimentos pela inestimável colaboração propiciada por este seu catedrático. Como essa qualificação se torna perpétua – costuma-se dizer que a Cátedra José Bonifácio não tem ex-catedráticos, mas antigos catedráticos –, a USP se empenhará pela continuidade da presença de Felipe González em seu meio, inclusive para que auxilie no desenvolvimento das futuras atividades da cátedra, assim como vem ocorrendo com seus antecessores.

E esse auxílio veio já na definição da personalidade que o sucederá à frente da cátedra. Da mesma forma que o convite formulado a ele pela USP resultou da indicação e do apoio dos catedráticos anteriores, coube a Felipe González papel relevante na escolha do nome da celebrada socióloga, política e diplomata mexicana Beatriz Paredes, e, consequentemente, na configuração do perfil que, sob a tutela da nova catedrática, a Cátedra José Bonifácio terá em 2017. Fica assegurado, assim, com o concurso de sua colaboração, o prosseguimento do extraordinário trabalho que realizou.

Felipe González, o reformador

MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA[1]

Entre os anos de 1970 e 1990, regimes democráticos foram substituindo formas diversas de autoritarismo, fenômeno político que alguns chamaram de terceira onda de democratização, movimento originado no sul da Europa que varreu as longevas ditaduras em Portugal, Grécia e Espanha; cresceu pela América Latina; chegou ao sudeste da Ásia e terminou disseminando-se pelo vasto território do chamado socialismo real.

Felipe González, ex-presidente do governo da Espanha, pertence a uma notável geração de líderes progressistas que emergiram daquela gigantesca onda e conduziram seus países, por caminhos estreitos, do autoritarismo para a democracia plenamente consolidada. Ao fazê-lo, redefiniram as agendas de seus partidos, a política de seus países e as próprias feições dos sistemas democráticos contemporâneos.

Transições são processos envoltos em incertezas e requerem capacidade de projetar o futuro, firmeza de convicções, coragem moral – e, muitas vezes, física –, além de muita flexibilidade e disposição para negociar. Tran-

1. É professora titular aposentada do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DCP-FFLCH) e do Instituto de Relações Internacionais (IRI), ambos da Universidade de São Paulo (USP), além de pesquisadora sênior do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap). Possui graduação em ciências sociais e doutorado em ciência política pela USP, além de pós-doutorados pelo Center of Latin American Studies (Clas) da University of California, Berkeley. Foi *visiting scholar* pelo Institute of Latin American Studies (Ilas) da School of Advanced Study da University of London e do King's College da University of London. Foi *tinker professor* da Stanford University e professora visitante da Université de Montréal e do Instituto Ortega y Gasset, Espanha. Suas áreas de especialização são políticas públicas, opinião pública e política externa.